



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**PRÓ REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**  
**COORDENADORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES, JORNALISMO, TEATRO E LIBRAS**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**  
**FRANCÊS**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ÉDER DE FREITAS GOMES**  
**LUANA E SILVA DE ABREU**  
**LUANA VIEIRA DE SOUZA**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: a abordagem didático- pedagógica no**  
**livro didático Português Linguagens Ensino Médio Volume 1**

**MACAPÁ**  
**2017**

**ÉDER DE FREITAS GOMES**  
**LUANA E SILVA DE ABREU**  
**LUANA VIEIRA DE SOUZA**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: a abordagem didático- pedagógica no  
livro didático Português Linguagens Ensino Médio Volume 1**

Monografia de conclusão de curso  
apresentada ao Curso de Letras/ Francês  
da Universidade Federal do Amapá,  
como requisito parcial à conclusão do  
curso.

Orientador: Prof. Esp. Silvagne  
Vasconcelos Duarte.

**MACAPÁ**

**2017**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

## **DEDICATÓRIA**

**Por Éder de Freitas Gomes**

Dedico este trabalho a minha família, que muito me apoiaram e contribuíram para a realização dele.

## **DEDICATÓRIA**

**Por Luana e Silva de Abreu**

Dedico aos meus colegas Éder Gomes e Luana Vieira que tiveram ao meu lado ao longo de toda minha vida acadêmica no curso de licenciatura Plena em Letras/Francês, e ao Professor Esp. Silvagne Vasconcelos Duarte, pela paciência na orientação e incentivo, que tornaram possível a conclusão desta monografia, e aos meu pais Tiago das Graças Almeida de Abreu e Odinéia da Silva e Silva, que com muito carinho e apoio não deixaram eu desistir nos momentos mais difíceis e estressantes e que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

## **DEDICATÓRIA**

**Por Luana Vieira de Souza**

Dedico este trabalho a minha família e amigos que diretamente contribuíram para a realização de mais uma etapa cheia de conhecimento em minha trajetória.

## **AGRADECIMENTOS**

Queremos agradecer ao nosso orientador Prof. Esp. Silvagne Vasconcelos Duarte, pela sabedoria com que nos guiou neste trabalho, por sua paciência e dedicação à nós.

Gostaríamos de deixar registrado também, o nosso reconhecimento à família, pois acreditamos que sem o apoio deles seria muito difícil vencer esse desafio.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

## **EPÍGRAFE**

**Uma Língua ou variedade de língua vale o que valem seus  
falantes. (MAURIZIO GNERRE)**

## RESUMO

Este artigo tem suas bases teóricas abarcadas na Sociolinguística, com o intuito de averiguar o livro didático Português Linguagens Ensino Médio Volume 1 de Willian Roberto Cereja e Thereza Anália Cochar Magalhães (2013), livro este indicado pelo Programa Nacional do Livro Didático- PNLD (2014). Tal averiguação tem como objetivo: analisar como este livro didatiza as variações linguísticas. Para tanto, buscou-se identificar os tipos de variações linguísticas que são trabalhadas nele, observar quais são os aspectos linguísticos privilegiados no tratamento das variações, bem como verificar se a proposta de trabalho com as variações linguísticas atende às demandas do respeito às diferenças linguísticas. Aplicou-se, assim, para o trabalho, a pesquisa de caráter descritivo, documental, com apresentação de análise qualitativa. E o arcabouço teórico, bem com a análise do *corpus* tiveram como suporte os autores: Bagno (2007), Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004 e 2005), Preti (2003), Antunes (2007), Ilari; Basso (2009), Bunzen; Mendonça (2006), Rojo; Batista (2003), PCN's (2000), PNLD (2014), Marconi; Lakatos (2003), Cervo; Bervian; Silva (2007), Andrade (2007), Severino (2007), Gil (2002). Após as análises, foi constatado que, de maneira geral, a abordagem das variações linguísticas no livro didático em estudo não ofereceram grandes oportunidades de reflexão, tendo em vista a superficialidade dada às variações linguísticas, principalmente nos exercícios propostos em que se poderia explorar com mais afinco as questões sociais que envolvem a língua em seu uso real e os conhecimentos linguísticos para os alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística. Variação Linguística. Livro Didático

## RÉSUMÉ

Cet article a sa base théorique adopté en Sociolinguistique, afin de déterminer le manuel langue portugais lycée volume 1 de Willian Roberto Cereja et Thereza Anália Cochar Magalhães (2013), ce livre indiqué par le Programme National Didactique du livre-PNLD (2014). Cette enquête vise à analyser comme ce manuel travaille la didactique de la variation linguistique. Par conséquent, nous avons cherché à identifier les types de variations linguistiques qui y ont travaillé: observer quels sont les aspects linguistiques privilégiés dans traitement des variations, ainsi que de vérifier que les travaux proposés aux variations linguistiques répond aux exigences du respect des différences linguistiques. Ainsi, une recherche documentaire descriptive avec présentation d'une analyse qualitative a été appliquée à l'œuvre. Et le cadre théorique, ainsi que l'analyse du corpus devaient soutenir les auteurs: Bagno (2007), Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004 e 2005), Preti (2003), Antunes (2007), Ilari; Basso (2009), Bunzen; Mendonça (2006), Rojo; Batista (2003), PCN's (2000), PNLD (2014), Marconi; Lakatos (2003), Cervo; Bervian; Silva (2007), Andrade (2007), Severino (2007), Gil (2002). Après analyse, il a été constate qu'en general, l'approche des variations linguistiques dans l'étude de manuel scolaires, n'a pas offert de grandes opportunités pour la réflexion, compte tenu de la faible profondeur, compte tenu des variations linguistiques, en particulier dans les exercices proposés dans lesquels on pourrait explorer avec questions sociales plus approfondies impliquant la langue dans son utilisation réelle et les compétences linguistiques pour les étudiants.

**MOTS- CLÉS:** Sociolinguistique. Variation Linguistique. Manuel Scolaire.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>14</b>
2.1 A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA .....	14
2.2 OS TIPOS DE VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E OS ASPECTOS LINGUÍSTICOS .....	16
2.3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O LIVRO DIDÁTICO.....	21
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>23</b>
3.1 A PESQUISA DOCUMENTAL.....	24
3.2 ETAPAS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO ..	24
3.3 O MATERIAL DIDÁTICO .....	25
<b>4. A ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO.....</b>	<b>25</b>
4.1 ORGANIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO.....	26
4.2 CAPÍTULO DESIGNADO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA .....	27
4.2.1 <i>As Variações Linguísticas no Capítulo 7</i> .....	28
4.2.2 <i>A Abordagem dos Aspectos Linguísticos</i> .....	33
4.2.3 <i>O Respeito às Diferenças Linguísticas</i> .....	36
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>40</b>
<b>7. ANEXOS .....</b>	<b>42</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Sociolinguística como ciência que tem como objetivo relacionar as estruturas linguísticas e os fatores sociais, tem como parte do seu arcabouço as variações linguísticas. As variações linguísticas são o “estado natural” da língua dentro de vários contextos sociais no uso de fala, sendo assim, elas são heterogêneas e um dos objetos de estudo da Sociolinguística.

Dentro deste contexto, temos o livro didático como um instrumento de aprendizagem para o aluno, utilizado em sala de aula pelo professor e a variação linguística como um dos conteúdos que muitos autores buscam valorizar. Contudo, percebe-se por parte destes autores certa confusão nas terminologias, conceitos, o que acaba por dificultar o processo de ensino-aprendizagem das variações. Diante deste quadro, percebemos como é de fundamental importância desenvolvermos estudos relacionados ao uso das variações linguísticas nos livros didáticos, na tentativa de buscar minimizar estes problemas.

Tomando como base a presente argumentação, este estudo estabelece como problema de pesquisa: de que modo a abordagem didático-pedagógica das variações linguísticas estão sendo trabalhadas no livro didático do ensino médio? Assim, o objetivo geral passa a ser analisar como o livro didático Português Linguagens para o Ensino Médio de Willian Roberto Cereja e Thereza Anália Cochar Magalhães (2013) didatiza o assunto das variações linguísticas e, para tanto, cumprirá os seguintes objetivos específicos: identificar os tipos de variações linguísticas que são trabalhadas no livro em estudo, observar quais são os aspectos linguísticos privilegiados no tratamento das variações presentes no livro didático, bem como verificar a proposta de trabalho com as variações linguísticas no que se refere ao atendimento das demandas do respeito às diferenças linguísticas.

Para o efetivo desenvolvimento dos objetivos específicos deste trabalho, adota-se, como processo metodológico, uma pesquisa de caráter descritivo, documental, com apresentação de análise qualitativa, com base nas obras dos seguintes autores: Marconi; Lakatos (2003), Cervo; Bervian; Silva (2007), Andrade (2007), Severino (2007), Gil (2002). O arcabouço teórico, bem com a análise do *corpus*, tem como suporte os autores: Bagno (2007), Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Preti (2003), Antunes (2007), Ilari; Basso (2009), Bunzen; Mendonça (2006), Rojo; Batista (2003), assim como os PCN's (2000) e o PNL D (2014).

Para alcançar o seu objetivo central, este trabalho encontra-se organizado em 5 seções, sendo esta introdução a primeira delas. Na seção, intitulada “Pressupostos Teóricos” são apresentados 3 tópicos divididos da seguinte forma: “As contribuições da Sociolinguística no ensino da variação linguística”, em que são abordados alguns princípios (conceitos) relacionados à Sociolinguística. Em seguida, é evidenciado o conceito de variação linguística e sua relação com a Sociolinguística. “Os tipos de variações linguísticas e os aspectos linguísticos” com a apresentação dos conceitos destes aspectos e os extralinguísticos, bem como também os tipos de variações linguísticas e “A variação linguística e o livro didático” no qual, é discutido a relação entre variação linguística e o livro didático.

Logo em seguida, a seção com as etapas realizadas e os procedimentos metodológicos. Na 4ª seção, temos a análise do livro didático, dividido em dois tópicos: “Organização do livro didático”, aqui, é apresentado, a composição do livro didático nos quatro eixos (leitura, produção escrita, oralidade e conhecimentos linguísticos) com base no Programa Nacional do Livro Didático de 2014 (PNLD) e “Capítulo designado a variação linguística” dividido em 3 subtópicos assim distribuídos: as variações linguísticas no capítulo 7, a abordagem dos aspectos linguísticos no tratamento das variações e o respeito às diferenças linguísticas. E, por fim, na 5ª seção, são apresentadas as considerações finais.

## **2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Esta seção apresenta o embasamento teórico do presente artigo “A Abordagem do uso das Variações Linguísticas no Livro Didático Português Linguagens- Ensino Médio volume 1”, sendo a mesma dividida em 3 tópicos assim intitulados: A Contribuição da Sociolinguística no Ensino da Variação Linguística, Os Tipos de Variações Linguísticas e os Aspectos Linguísticos e a Variação Linguística e o Livro Didático, que serão evidenciados nos tópicos seguintes.

### **2.1 A Contribuição da Sociolinguística no Ensino da Variação Linguística**

Antes que se inicie a apresentação dos referenciais teóricos associados ao tema e conceitos deste trabalho, é importante destacar que a abordagem didático- pedagógica da variação linguística nos livros didáticos, em geral, passou por avanços como o processo de avaliação instituído pelo Programa Nacional do Livro Didático em 1996. Contudo, muito ainda precisa ser realizado, principalmente no que diz respeito à base teórica das variações, pois muitos autores ainda fazem confusões nas terminologias empregadas nos estudos da variação linguística.

Segundo Bagno (2007), a avaliação dos livros didáticos tem envolvido uma grande quantidade de linguistas e educadores, contribuindo desta forma para uma política linguística efetuada através do livro didático. Percebe-se em muitos livros didáticos, por parte dos autores, o interesse em valorizar as variações linguísticas, mas a falta de base teórica e a confusão no emprego de termos e conceitos dificultam o trabalho com as variações.

Diante da afirmação do autor, podemos perceber como é fundamental desenvolvermos estudos relacionados ao uso da variação linguística nos livros didáticos para tentar minimizar os problemas citados. Por isso, temos como objetivo geral deste trabalho a análise do processo de didatização sobre o assunto das variações linguísticas. Neste tópico, abordaremos alguns princípios (conceitos) relacionados à Sociolinguística, bem como seu objetivo quanto disciplina que estuda a relação entre língua e sociedade. Em seguida, evidenciaremos o conceito de variação linguística e sua relação com a Sociolinguística.

Podemos, então, começar definindo a Sociolinguística como a ciência que tem como objetivo, segundo Bagno (2007), relacionar as estruturas linguísticas e os fatores

sociais. Surgiu nos Estados Unidos por volta de 1960, período em que vários cientistas da linguagem perceberam que não era possível dissociar a língua da sociedade que faz uso dela. Diante deste quadro, temos, então, os estudos da variação e da mudança linguística impulsionados por Willian Labov.

Este autor foi o precursor da Sociolinguística Variacionista e defendia que a variação acontece em todas as línguas naturais humanas, é inerente ao sistema linguístico, sendo assim, indomável, ou seja, Labov buscava estudar a língua em seu contexto social. Como afirma Calvet (2002), Labov possuía um laço com Meillet no sentido de compartilharem do mesmo objeto de estudo, a estrutura da evolução da linguagem no seio do contexto social, construído pela comunidade linguística.

A Sociolinguística surge, então, com o intuito de estudar a estrutura linguística (fatores ou aspectos linguísticos) relacionada aos fatores sociais (extralinguísticos). Portanto, a Sociolinguística, ao estudar as relações desses fatores, estabelece a relação de língua e sociedade. Os falantes da língua e a sociedade estão juntos, se definem, se constroem na e pela linguagem, através do processo de interação verbal, uma influenciando a outra e determinando o comportamento uma da outra, e podemos chamar essa interação de manifestação natural. Essa manifestação natural entre indivíduo e sociedade é resultado da variação linguística que Bagno (2007, p.37) conceitua como:

A variação e a mudança linguística é que são o “estado natural” das línguas, o seu jeito próprio de ser. Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas!

Percebemos que essas instabilidades na língua conhecidas como variações ou mudanças linguísticas é o que a Sociolinguística como disciplina vem analisar e explicar, levando em consideração o uso real da língua, ou seja, seu uso corriqueiro, heterogêneo e variável. Neste sentido, as variações linguísticas podem ser consideradas como um fenômeno normal, desenvolvido de diversas maneiras dentro de vários contextos sociais.

É interessante destacar que a todo momento estamos sujeitos a sermos inseridos em vários contextos sociais, por exemplo, em uma conversa com amigos, com o chefe de trabalho, uma reunião familiar, e ao sermos inseridos nesses contextos, ocorre a variação ou mudança linguística. Bortoni-Ricardo (2004, p. 23) define os contextos sociais como domínios sociais.

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de

direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo da interação humana.

Desse modo, podemos ressaltar que a variação está em todo processo comunicativo e tem papel fundamental ao ser inserida na sala de aula, pois deve ser estudada respeitando as diversidades linguísticas de cada aluno, e vistas como qualquer outro domínio social. No âmbito escolar, conforme Bortoni-Ricardo (2004) encontramos grande variação no uso da língua, como exemplo, a linguagem da professora que por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos está submetida as regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não-verbal.

Já sabendo que a Sociolinguística vive constantemente ligada à variação como vimos anteriormente, muito tem a contribuir com o ensino da variação, pois estabelece a relação de língua e sociedade, e contribui dessa forma para explicar aos alunos de que não existem erros de português. Como afirma Bortoni-Ricardo (2004), erros de português são simplesmente *diferenças* entre *variedades* da língua. Essas variedades e diferenças devem ser trabalhadas na sala de aula levando em consideração as realidades linguísticas e assim podendo melhorar o ensino nas escolas, com a concretização de uma perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes dos alunos.

Portanto, as variações linguísticas estão presentes em diversas situações de fala do aluno. Ele, ao chegar na escola, já traz consigo a sua peculiaridade linguística, logo, cabe a escola não ignorar essa “bagagem” linguística que o aluno já carrega consigo e sim valorizar, como propõe Bortoni-Ricardo (2005), os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrinu” e “ele drome”, por exemplo, devem ser respeitados e ter as suas peculiaridades linguístico-culturais valorizadas, garantindo o direito inalienável de aprender as variantes, tanto de prestígio quanto às não-prestigiadas.

E para corroborar com as abordagens acima, faz-se necessário evidenciar os tipos de variações linguísticas, assim como também sobre os aspectos linguísticos e extralinguísticos, identificados no próximo tópico.

## **2.2 Os Tipos de Variações Linguísticas e os Aspectos Linguísticos**

Neste tópico, abordaremos os conceitos dos aspectos linguísticos e extralinguísticos que influenciam as variações linguísticas, bem como também os tipos de variações linguísticas. Conceitos que serão utilizados na análise do *corpus* deste trabalho.

Os aspectos ou fatores linguísticos podem ser entendidos como os níveis da língua em que ocorrem as variações, sendo assim, em todos os níveis da língua é possível expressar a variação. Segundo Bagno (2007), as variações linguísticas podem ocorrer nos aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais e pragmáticos. Ele define e exemplifica a ocorrência da variação em cada um desses aspectos linguísticos:

- Variação fonético-fonológico: consiste nas várias formas de se pronunciar uma palavra. Exemplo: as várias formas de se utilizar o “R” da palavra porta no português brasileiro.
- Variação morfológica: consiste em palavras que possuem a mesma ideia, mas são construídas a partir de sufixos diferentes. Exemplo: pegajoso e peguento.
- Variação sintática: consiste no mesmo sentido nas frases, todavia, os termos que as compõem são definidos de maneiras diferentes. Exemplo: Uma história que ninguém prevê o final/ Uma história que ninguém prevê o final dela/ Uma história cujo final ninguém prevê.
- Variação semântica: consiste em uma palavra apresentar variação no seu significado dependendo da origem regional do falante. Exemplo: vexame, que pode significar “vergonha” ou “pressa”.
- Variação lexical: consiste na utilização de palavras diferentes para se referir ao mesmo termo. Exemplo: Mijo, xixi e urina designam o mesmo termo.
- Variação estilístico-pragmática: consiste na utilização de expressões com maior ou menor grau de formalidade do local e do contexto em que estão envolvidos os interlocutores e também podem ser pronunciadas pelo mesmo indivíduo. Exemplo: Queiram se sentar, Por favor, e vamo sentano aí, galera.

Diante das definições do autor, consideramos, portanto, os aspectos ou fatores linguísticos parte essencial no desenvolvimento das variações linguísticas e para efeito de buscar responder um dos objetivos deste trabalho, utilizaremos suas definições na análise do *corpus*. Ainda no que diz respeito aos aspectos linguísticos e sua relação com a variação, vale destacar que, para Bagno (2007, grifo do autor), a variação não é aleatória, mas sim, estruturada por diferentes fatores (linguísticos e sociais). A essa estrutura, ele denomina **heterogeneidade ordenada**.

A heterogeneidade ordenada consiste no tipo de condicionamento em que a variação se submete. Este condicionamento pode ser um fator linguístico ou social

(extralinguístico). Deste modo, podemos entender que os aspectos linguísticos e os extralinguísticos estão entrelaçados, ou seja, é necessário estudar a língua em seu estado heterogêneo em conjunto com a sociedade que faz uso dela.

Acerca dos aspectos extralinguísticos, vale destacar que, de acordo com Bagno (2007), podem ser definidos como fatores sociais do tipo: origem geográfica, *status* socioeconômico, grau de escolaridade, idade, sexo, profissão e redes sociais que podem auxiliar na identificação das variações linguísticas. Há, ainda, abordagem de caráter mais limitador como a de Preti (2003) que define os aspectos extralinguísticos como variações extralinguísticas de três espécies (geográficas, sociológicas e contextuais).

As geográficas envolvem as variações regionais; as sociológicas referem-se à idade, sexo, profissão, classe social, localização na mesma região, raça; e as contextuais abordam a língua que atua na maneira de falar do locutor, receptor e a situação em que estão envolvidos. Com base nas definições dos autores, podemos entender que os aspectos extralinguísticos compõem o arcabouço das variações linguísticas, pois, por meio deles podemos identificar qual recurso linguístico está sendo utilizado nas interações da realidade dos usos da língua e assim identificamos o tipo de variação.

Para corroborar e agregar tal visão, Ilari; Basso (2009) comentam que as variações linguísticas são consideradas como um fenômeno corriqueiro e que se propaga de diversas maneiras. Sendo assim, podemos classificá-las como diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica. Há também as definições impostas por Calvet (2002), que as define mediante três parâmetros: social (diastrática), geográfico (diatópica) e histórico (diacrônica). E os estudos de Bagno (2007) que também compartilham das mesmas nomenclaturas propostas por Ilari; Basso, apresentando apenas a diferença na denominação, que ele chama de adjetivos e nos aponta o conceito para a variação diafásica.

De acordo com Ilari; Basso (2009); Calvet (2002) e Bagno (2007), a variação diacrônica é aquela que se dá através do tempo, atuando na comparação de gerações e no desenvolvimento da mudança da língua com o passar do tempo. Um exemplo deste tipo de variação é o uso das gírias. Existem gírias que podem ser entendidas por uma geração mais jovem, assim como existem aquelas que podem ser entendidas por uma geração mais velha.

A variação diatópica na visão desses autores pode ser definida como as diferenças ou as comparações que são realizadas em uma mesma língua quando esta é

falada em diversas regiões. A variação diatópica também pode ser chamada de regional e ser observada no léxico como:

- A mesma realidade é expressa, de acordo com cada região, por palavras diferentes-. Exemplos: lanternagem/funilaria; negócio/venda.
- As duas variedades regionais possuem palavras com a mesma forma, contudo possuem sentidos diferentes. Exemplos: quitanda, em geral “mercearia”, “tenda” / Em Minas Gerais, “conjunto de iguarias doces e salgadas feita com massa de farinha”

Estes teóricos ainda definem a variação diastrática com a comparação do modo de fala de diferentes classes sociais. Ela pode ser evidenciada na utilização dos aspectos linguísticos pelas classes sociais menos escolarizadas.

- Fonético- fonológico: queda ou nasalização da vogal átona inicial. Exemplo: incelência por excelência; Perda da distinção entre vogal e ditongo antes de palatal. Exemplo: peixe por peixe.
- Morfológico: perda do “s” da desinência da primeira pessoa do plural. Exemplo: nós cantamo, nós cantemo por nós cantamos; Anteposição do advérbio de comparação a adjetivos que já são comparativos. Exemplo: mais mió em vez de melhor.
- Sintático: o uso de uma única marca de plural nos sintagmas nominais complexos e ausência de marca de concordância na 3ª pessoa do plural do verbo, com sujeito posposto. Exemplos: os doce mais bonito são/ é para as visita; Uso dos pronomes do caso reto na posição de objeto. Exemplo: eu vi ele/ a mulher xingou ele.

Sobre a variação diamésica, Ilari; Basso (2009) e Bagno (2007) afirmam que compreendem as diferenças ou comparações entre língua falada e escrita. Os gêneros discursivos são exemplos que se encaixam nas variações diamésicas, pois dependendo dos textos, sejam falados ou escritos, apresentam recursos linguísticos próprios.

A variação diafásica, evidenciada por Bagno (2007), é vista como as variações estilísticas, ou seja, os diferentes usos dos recursos linguísticos que cada indivíduo utiliza de acordo com o grau de monitoramento na situação de fala.

Além das variações citadas acima, há também a variação diageracional, entendida como aquela que relaciona o fator extralinguístico “faixa etária” na interação de fala do indivíduo, ou seja, o léxico de faixa etária que o falante possui. Como exemplo,

recorremos as gírias dos idosos que fazem parte da memória histórica exclusiva deles, suas marcas lexicais. Para melhor elucidar a compreensão, segue abaixo um quadro conceitual acerca dos tipos de variações linguísticas.

#### QUADRO CONCEITUAL

AUTOR	TIPO DE VARIAÇÃO	CONCEITO
Ilari; Basso (2009)	Variação diacrônica Variação diatópica  Variação diastrática  Variação diamésica	Aquela que se dá através do tempo. As diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões. O tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população. Variação associada ao uso de diferentes meios ou veículos.
Bagno (2007)	Variação diacrônica  Variação diatópica  Variação diastrática  Variação diamésica  Variação diafásica	Aquela que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua. É aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes. É aquela que se verifica na comparação entre modos de falar das diferentes classes sociais. É a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Consiste no uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal.
Calvet (2002)	Variação diacrônica Variação diatópica Variação diastrática	Correlatas às faixas etárias. Correlatas aos lugares. Correlatas aos grupos sociais.

Ao compararmos as definições dos autores, percebemos então que possuem a mesma essência no que diz respeito às terminologias. Os estudos de Ilari; Basso (2009) são semelhantes aos de Bagno (2007) e as contribuições de Calvet (2002), apesar de terem uma abordagem de caráter mais limitador, apresentam as variações de acordo com os conceitos de ambos os autores.

Neste sentido, é possível inferir que as variações linguísticas são compostas pelos aspectos linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (sociais) e também que todas as variações se relacionam umas com as outras, uma vez que apresentam características aplicadas em textos com produção verbal simultaneamente de caráter diatópico, diastrático, diamésico, difásico e diacrônico.

Partindo dos pressupostos discorridos acima, faz-se necessário, para o desenvolvimento da pesquisa proposta, discutir a relação entre variação linguística e o livro didático, o que será o próximo tópico abordado.

### **2.3 A Variação Linguística e o Livro Didático**

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN's) a linguagem é uma herança social que, uma vez assimilada, envolve os indivíduos e faz com que as estruturas mentais, emocionais e perceptivas sejam reguladas pelo seu simbolismo (BRASIL, 2000). Isso é o reflexo natural da linguagem, processo de interação entre relações humanas que possibilita uma diversidade de formas de expressões do indivíduo. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa, a ideia que se tem é de uma unidade que se constitui de muitas variedades.

Visto dessa forma, os PCN's discutem que é preciso que a escola deixe de aderir à ideia de que existe um modo correto de falar ou que a fala de uma região é melhor que a outra. Em virtude disso, é preciso que tais mitos sejam esclarecidos através dos livros didáticos e com ele proporcionando a oportunidade de evidenciar a importância de um processo de aprendizagem que leve o aluno a ter a competência de saber usar essa diversidade de acordo com seu contexto sem desvalorizar sua cultura. (BRASIL, 2000).

Portanto, sabe-se que, em um ambiente escolar, o professor como mediador pode adquirir vários recursos que contribuem no processo de aprendizagem como o livro didático, um instrumento de fundamental importância no processo de ensino, que proporciona mecanismos que auxiliam na execução de conteúdos e atividades sistematizadas.

Acerca disto, Rojo; Batista (2003, p. 57) comentam a necessidade de conhecermos como é o trabalho com a variação linguística no livro didático, já que este é um dos principais mecanismos que influenciam o trabalho pedagógico, determinando sua finalidade, definindo o currículo, cristalizando abordagens metodológicas e quadros conceituais, organizando, enfim, o cotidiano da sala de aula.

O livro didático no Brasil foi regularizado a partir da criação da Legislação de 1938, no Decreto Lei 1006. Os livros eram vistos como um instrumento do processo de ensino- aprendizagem político e pedagógico. Nesse período, era escolhido através de uma lista pré-determinada tendo como base a deliberação legal instituída no Artigo 208, inciso VII da Constituição do Brasil, no qual os livros didáticos são assegurados como direito constitucional brasileiro.

O mecanismo jurídico que regulariza esse instrumento é o Decreto nº 9154/85, que instituiu o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que visa avaliá-los buscando melhorar sua qualidade. Este funciona como um guia para o professor, ao abordar informações pertinentes em resenhas e informativos acerca do livro didático, com o intuito de mostrar as lacunas e as competências mais trabalhadas.

Assim, conforme Bagno (2007), abre-se um leque de possibilidades da melhor escolha do instrumento educacional para ser trabalhado em sala na tentativa de suprir as necessidades dos alunos. Esse programa visa à contribuição com o trabalho dos professores mediante a distribuição de coleções de livros didáticos para os alunos. Face a isto, Bunzen; Mendonça (2006) sobre o livro didático afirmam ser um instrumento de letramento mais presente na escola brasileira, especialmente a partir da década de 1970.

Atualmente, representa a principal, senão a única, fonte de trabalho com o material impresso na sala de aula, ao menos na rede pública de ensino. Desse modo, o livro didático hoje é uma ferramenta fundamental no processo de ensino do aluno em sala de aula, pois proporciona mecanismos que ajudam na construção do conhecimento. Embora o livro didático tenha importância no processo de aprendizagem, percebe-se que as obras atuais apresentam incorreções conceituais sobre a variação linguística e acabam cometendo equívocos, isso se deve à falta de base teórica consistente.

Ademais, muitos livros tratam do fenômeno de modo superficial e tendem a massificar a valorização da norma padrão, apresentada como o modo “certo” de falar, dando a entender que as demais variações são formas erradas de se expressar. Segundo Bagno (2007), as variações linguísticas nos livros didáticos se apresentam de forma geral, como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não-escolarizadas. Logo,

limita-se somente a esses aspectos. Em alguns casos, massificando até mesmo o preconceito de determinadas variações. Este problema precisa ser revertido em favor de um ensino da linguagem de modo que possamos entender nossa diversidade linguística sem preconceitos.

Temos como exemplo, os textos do *Chico Bento* sendo trabalhados de modo inadequado, abordando aspectos da linguagem “caipira”, com o intuito de somente trabalhar essa ideia de passar para a norma culta, sem explorar outros aspectos da linguagem ou mecanismos de compreensão. Em uma situação como essa, Antunes (2007) infere que o simples comando de passar para “outra norma”, no contexto escolar, já traz embutida a ideia de que a outra “é melhor”, o que vai reforçar o mito a favor de uma hegemonia de uma norma sobre a outra.

Assim espera-se, segundo os PCN’s, é que o conhecimento, a análise e o confronto de opiniões sobre as diferentes manifestações da linguagem, devem levar o aluno a respeitá-las e preservá-las como construções simbólicas e representações da diversidade social e histórica. Desse modo, entende-se que apenas exercícios mecanizados e de pouca capacidade de reflexão, tais como propostos por alguns livros didáticos tornam-se recursos metodológicos insuficientes para um processo de ensino aprendizagem de qualidade no que diz respeito à variação linguística, Bunzen; Mendonça (2006) afirmam que o livro didático tem papel fundamental na formação de leitores. Por essa razão a análise e discussão sobre o uso desse material é importante para que possamos melhorar o processo de aprendizagem dos alunos de acordo com suas necessidades.

Com base no exposto acima, acreditamos na abordagem do uso das variações linguísticas no livro didático de Português do Ensino Médio como uma proposta de observar de que forma se apresenta para poder propor políticas ligadas ao assunto. Para realizar tal análise, tem-se a importância de traçar as técnicas, instrumentos e procedimentos de pesquisa que contribuirão para elucidar esta investigação. Portanto, construir princípios metodológicos é essencial para sistematizar os dados da pesquisa. A seguir, a seção metodológica.

### **3. METODOLOGIA**

Este trabalho assume caráter classificatório de pesquisa descritiva pois, analisa o tratamento da variação linguística em um livro didático de Língua Portuguesa para o

Ensino Médio e correlaciona fatos ou fenômenos. Cervo; Bervian; Silva (2007) explicam que a pesquisa descritiva tem o intuito de descobrir a frequência com que esses fenômenos ou fatos ocorrem, a relação que possuem com outros e características. A pesquisa descritiva assume várias formas, tais como: estudo de caso, estudos descritivos, de opinião, motivação e a documental. Entre estas, a pesquisa em questão se enquadra nos princípios da pesquisa documental, que será evidenciado na subseção seguinte.

### **3.1 A Pesquisa Documental**

A pesquisa documental, segundo Severino (2007), é vista como fonte de documentos não apenas como os que são impressos, mas em um sentido mais holístico abrangendo outros tipos de documentos como: fotos, jornais, filmes, gravações e documentos legais. Gil (2002) define a pesquisa documental como aquela que se parece com a bibliográfica, a diferença entre ambas está na natureza das fontes e aponta que a documental se apodera de materiais que não foram trabalhados de forma analítica e que as fontes são mais diversificadas. Para este autor, uma das vantagens da pesquisa documental é ter nos documentos uma fonte rica e estável de dados.

Como característica da pesquisa documental, Marconi; Lakatos (2003) nos apontam que sua fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, as chamadas fontes primárias. A análise e os resultados do *corpus* deste trabalho possuem abordagem qualitativa, uma vez que não utilizam de dados estáticos, ou seja, não se preocupam em enumerar ou medir unidades para buscar responder os objetivos propostos desta pesquisa.

A respeito da abordagem qualitativa, Severino (2007) afirma que existem várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, o que depende para a escolha de uma ou outra é o conhecimento científico que se pretende investigar. Logo, esta pesquisa tem caráter descritivo, documental com apresentação de análise qualitativa.

### **3.2 Etapas Para a Realização da Pesquisa e Análise do Livro Didático**

Conforme citadas abaixo, esta pesquisa cumpriu pelo menos cinco etapas para sua realização.

1. Escolha do livro didático a ser analisado;

2. Delimitação da análise das variações linguísticas no livro didático (capítulo 7);
3. Definição dos referenciais teóricos que deram arcabouço para a realização da análise;
4. Construção do referencial teórico base para análise do *corpus* da pesquisa;
5. Descrição da análise.

Na descrição da análise do capítulo 7, priorizamos as atividades propostas pelos autores do livro didático, uma vez que, mediante elas, os alunos são levados a formular, construir pensamentos acerca das variações, refletir sobre a linguagem e os conhecimentos linguísticos, o que pode levá-los a obter êxito no processo de aprendizagem. A seguir, a seção de análise do livro didático.

### **3.3 O Material Didático**

A obra que será objeto de estudo deste trabalho é o livro Português Linguagens de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães para o Ensino Médio, que foi produzido pela editora Saraiva S.A. Livreiros e Editores, 9ª edição, São Paulo, 2013. Ele está dividido em 4 unidades, com um total de 464 páginas, assim distribuídas: a 1ª unidade conta com 10 capítulos, a 2ª unidade com 8 capítulos, a 3ª unidade com 10 capítulos e a 4ª unidade com 9 capítulos. No final de todas as unidades existe uma parte, intitulada “Em dia com o ENEM e o vestibular vivências”, voltada para a realização de projetos para serem desenvolvidos na sala de aula.

A escolha do livro didático se deu pelos objetivos específicos traçados anteriormente com o intuito de analisar como o livro didático didatiza o assunto sobre as variações linguísticas. Com isso, o livro conta com um capítulo específico que aborda sobre as variações linguísticas, sendo, então, o foco de análise deste trabalho. Assim, para tecer tal análise do livro selecionado, conforme o tipo descritivo, documental e qualitativo, é importante criar e construir as etapas para a realização da pesquisa e análise do livro didático, que será a subseção seguinte.

## **4. A ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO**

Nesta seção, será apresentada a análise do livro escolhido. A análise será disposta evidenciando a organização do livro segundo o Programa Nacional do Livro

Didático de 2014 (PNLD) de Língua Portuguesa para o Ensino Médio nos quatro eixos: leitura, produção escrita, oralidade e conhecimentos linguísticos. Em seguida, será apresentada a organização geral do capítulo designado à variação linguística, assim como também sua análise.

Realizaremos a análise do capítulo designado à variação linguística com base nos objetivos específicos desta pesquisa com o intuito de buscarmos responder ao objetivo principal deste trabalho que consiste em analisar como o livro didático didatiza o assunto sobre as variações linguísticas.

#### **4.1 Organização do Livro Didático**

De acordo com o Programa Nacional do Livro Didático de 2014 (PNLD), o livro Português Linguagens é organizado como um manual, que é constituído por um planejamento de ensino próprio, com sequências de unidades que podem ser adaptadas pelo professor. Apresenta os eixos de ensino articulados pela leitura em uma proposta comprometida com a formação do estudante para a cidadania.

Traz, em seu conteúdo, reflexões bastante importantes para o entendimento do funcionamento da língua e da linguagem, com um destaque para a literatura e aos conhecimentos linguísticos. No geral, sua característica principal está no tratamento dos conteúdos seguindo a **tendência metodológica transmissiva**<sup>1</sup>, que consiste na aprendizagem de um determinado conteúdo realizado por assimilação, por parte do aluno, sobre as informações, noções e conceitos, organizados pelo professor e pelo material didático.

Ao tratar das atividades de leitura, traz dentro das unidades sugestões de textos para a complementação dos conteúdos com a finalidade de formar leitores ecléticos, favorecendo o contato com textos de gêneros textuais diversos. E, em se tratando da Literatura, o livro concilia com a Língua Portuguesa em uma sequência cronológica dos textos, imagens e considerações sobre o movimento literário a ser abordado e explorado. Sua linha evolutiva se dá pela distribuição dos títulos das unidades e dos capítulos.

A produção escrita é presente em todas as unidades, trabalhando com atividades diversificadas e com um nível de complexidade gradativo em cada capítulo. Tendo como

---

<sup>1</sup>Movimento metodológico dado ao tipo de tratamento didático para os conhecimentos envolvidos em cada eixo de ensino. A transmissiva se mostra quando a proposta de ensino assume aprendizagem de um determinado conteúdo deve se dar como assimilação, pelo aluno, de informações, noções e conceitos, organizados logicamente pelo professor e/ou pelo próprio material didático.

proposta trabalhar gêneros textuais com temáticas específicas nas unidades, por exemplo, o gênero dissertativo-argumentativo com a finalidade de preparar o aluno para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e exames vestibulares.

No que se diz respeito à oralidade, o livro a entrelaça ao eixo da produção de texto e nos seus “projetos” ao final de cada unidade, no qual podemos identificar pela cor, as laudas amarelas. E por fim, quanto ao conhecimento linguístico, é explorado em duas seções: “Construindo o Conceito” e “Conceituando”. Apresenta-se de duas formas, uma em que os conteúdos são tratados de forma crítica e reflexiva e outra em que os conteúdos relacionados à gramática normativa são tratados de forma transmissiva e nem sempre estimula o aluno a dispor de uma visão crítica, uma vez que segue a tendência junto à normatização.

#### **4.2 Capítulo designado à Variação Linguística**

O capítulo específico dentro do livro didático destinado ao estudo das variações linguísticas é o capítulo 7, presente na primeira unidade. Este se apresenta da seguinte forma: Língua- Uso e Reflexão- As variedades linguísticas, na página 78, abordando o eixo do conhecimento linguístico em “Construindo o conceito” com o texto de Patativa do Assaré e exercícios sobre este texto. Em “Conceituando”, temos pequenos textos intitulados como: “Onde se fala melhor o português no Brasil?” e “A norma-padrão e a escola”.

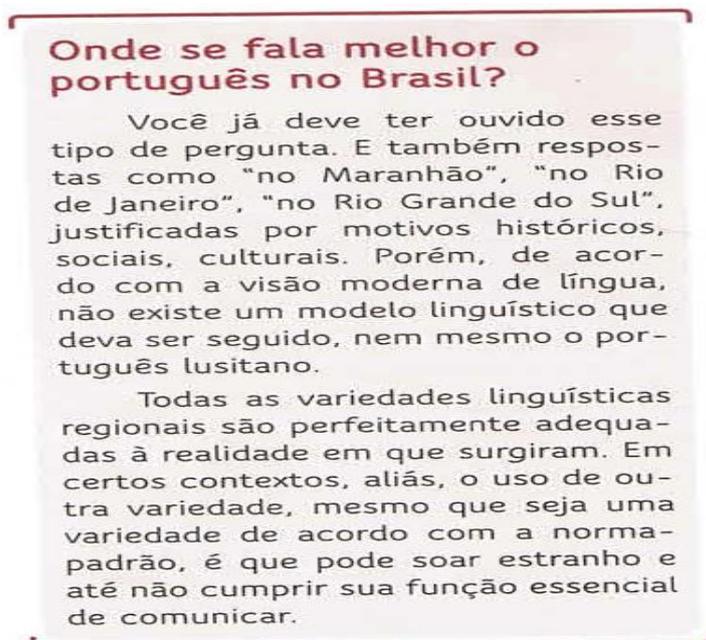
Há ainda um pequeno quadro com o conceito de variedades linguísticas, norma-padrão e variedades urbanas de prestígio e também outro texto intitulado “A língua como expressão de uma identidade grupal”. Na página 81, temos os Dialeto e Registros como assuntos principais, em que seus conceitos são evidenciados e um poema de Xanana Gusmão é apresentado.

Na página 82, temos as Gírias sendo abordadas com conceito e exercícios. Logo em seguida, na página 84, apresenta-se as variedades linguísticas na construção do texto com a presença do gênero textual “Anúncio”, seguido de exercícios sobre ele e por fim, na página 85, a presença da Semântica e do Discurso com exercícios sobre norma-padrão e expressões idiomáticas.

#### 4.2.1 As Variações Linguísticas no Capítulo 7

Com base no referencial teórico deste trabalho que apresenta os tipos de variações linguísticas, buscaremos, aqui, evidenciar os tipos de variações linguísticas que são trabalhadas em todo o capítulo 7 do livro em análise.

Podemos, então, começar destacando o texto abordado na página 79, que tem como título “Onde se fala melhor o português no Brasil?”. O texto afirma que não existe um modelo linguístico para ser seguido, ou seja, deve-se levar em consideração a diversidade do uso da língua em diferentes regiões. No texto a seguir, Cereja; Magalhães (2013) abordam acerca das variedades linguísticas regionais, o que nós conhecemos também como variações diatópicas, segundo os autores já mencionados anteriormente.



(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 79)

Percebemos, neste texto, a presença da variação diatópica ou regional sendo evidenciada com o intuito de levar o aluno a perceber que os modos de falar se encaixam de acordo com a realidade do uso da língua e em uma determinada região.

No item “Conceituando”, temos no corpo do texto a variação diastrática sendo evidenciada na comparação dos modos de falar de classes sociais mais escolarizadas e de renda mais alta em contrapartida com as classes do meio rural.

As variedades do português que mais se aproximam da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta.

Outras variedades, faladas no meio rural ou por pessoas não alfabetizadas ou de baixa escolaridade, geralmente são menos prestigiadas e, por isso, frequentemente aqueles que as falam são vítimas de preconceito. Por isso, é importante conhecer a norma-padrão e saber em que momentos seu uso permitirá que nossos textos ganhem mais credibilidade.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 80)

Embora o texto aponte “variedades linguísticas urbanas”, podemos inferir de acordo com os pressupostos de Ilari; Basso (2009); Calvet (2002) e Bagno (2007) que elas são identificadas dentro do conceito de variação diastrática, uma vez que ela se verifica na comparação entre o uso da língua das diferentes classes sociais e que segundo Cereja; Magalhães (2013), são prestigiadas socialmente por se aproximarem mais da norma-padrão.

Seguindo a análise do capítulo 7, temos na página 81 as variações linguísticas sendo identificadas como dialetos e registros. Cereja; Magalhães (2013) definem os dialetos como as variações que ocorrem das diferenças nos fatores extralinguísticos como idade, sexo, grupo social e da evolução histórica da língua.

Há dois tipos básicos de variação linguística: os dialetos e os registros.

Os **dialetos** são variedades originadas das diferenças de região ou território, de idade, de sexo, de classes ou grupos sociais e da própria evolução histórica da língua. Nos poemas medievais, que você começou a estudar a partir da página 63, temos exemplos de variação histórica. Já no texto que segue, escrito pelo poeta Xanana Gusmão, do Timor Leste (Oceania), temos um exemplo de variação territorial, já que o poema, apesar de ter sido escrito em língua portuguesa, apresenta também vocábulos do tétum, língua nativa timorense.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 81)

Notamos que os autores mencionam a variação histórica presente nos poemas medievais. Ao observarmos a página 63 como os autores afirmam, identificamos a linguagem da poesia trovadoresca em duas cantigas: amigo e amor, apresentadas em duas versões, uma na versão original (galego-português) e outra na versão moderna (português de hoje), contudo, não apresenta nenhuma menção de conceito, terminologia ou denominação sobre a variação histórica.

Também mencionam a variação territorial através do poema de Xanana Gusmão, como aquela utilizada com vocábulos específicos de uma comunidade em um determinado período da história. A seguir um pequeno fragmento do poema:

## Poema

Pisaste um dia a terra descalça  
do “bua” e do “malus”,  
paraste um dia à sombra da casa alta  
estranhando o “tuaka”  
e reparaste no seu dono  
cobrindo com a nudez do seu “hakfolik”  
a campa dos antepassados.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 81)

Compreendemos, por meio das contribuições de Ilari; Basso (2009); Calvet (2002) e Bagno (2007) que as variações históricas se encaixam nos conceitos de variação diacrônica, visto que se verifica na comparação de gerações e no desenvolvimento da mudança da língua com o passar do tempo.

Tratando-se dos registros, Cereja; Magalhães (2013) definem como as variações que sucedem segundo o grau de formalidade dentro da situação de fala, como no fragmento a seguir:

Os registros são variações que ocorrem de acordo com o grau de formalismo existente na situação. A mesma pessoa pode ser menos ou mais formal em sua linguagem, dependendo dos objetivos que tem, das situações de comunicação em que se encontra e das diferentes esferas da sociedade nas quais circula.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 81)

Através das afirmações dos autores, identificamos que os registros são as variações diafásicas definidas por Bagno (2007) como os diferentes usos dos recursos linguísticos que cada indivíduo utiliza de acordo com o grau de monitoramento na situação de fala, pois compartilham da mesma essência de conceitos.

Dando continuidade na busca por evidenciar as variações, na página 82, Cereja; Magalhães (2013) abordam o conceito para gíria como a variedade que acontece no uso da língua de um determinado grupo social e quando se refere a uma determinada profissão, denomina-se jargão.

A gíria é uma das variedades que uma língua pode apresentar. Quase sempre é criada por um grupo social, como o dos fãs de *rap*, de *funk*, de *heavy metal*, os surfistas, os skatistas, os grafiteiros, os *bikers*, os policiais, etc. Quando restrita a uma profissão, a gíria é chamada de **jargão**. É o caso do jargão dos jornalistas, dos médicos, dos dentistas e de outras profissões.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 82)

Ao observarmos o conceito para a gíria definido pelos autores do livro didático, é possível inferir que as gírias são os socioletos ou variedades sociais como nos aponta Bagno (2007), o socioleto compreende a variedade linguística de falantes da língua que associam características comuns de um mesmo grupo social.

Agora que identificamos os tipos de variações linguísticas no corpo dos textos que buscam elucidar tal assunto, passamos a identificação das variações em alguns exercícios que julgamos mais significativos.

No fragmento a seguir, o exercício proposto tem o intuito de fazer com que os alunos identifiquem elementos relacionados às variações linguísticas utilizando a comparação dos modos de fala de diferentes classes sociais através do dialeto empregado por cada um deles. Por dialeto entende-se, segundo Bagno (2007), o modo característico do uso da língua em um específico lugar ou região. Ao observarmos a questão “a” do referido exercício, inferimos que se trata da variação diastrática, uma vez que temos o modo de falar do alfaiate em contrapartida a fala do cliente.

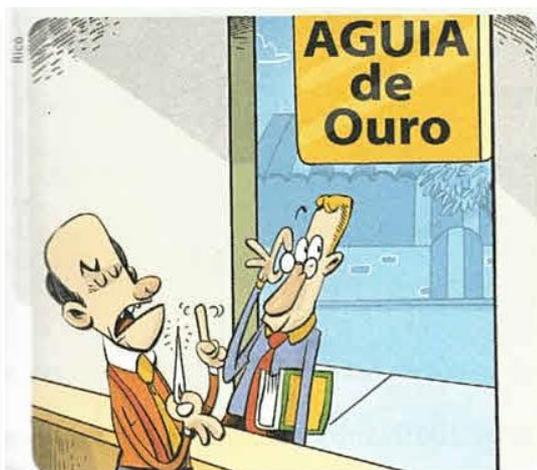
lhe foi recomendado um logo ali, muito bom. Ao ver a placa da alfaiataria disse ao proprietário lamentar muito, que embora lhe tivessem dito se tratar de um alfaiate de mão cheia, não confiava em alguém que escrevia errado o nome do próprio negócio.

— O acento, o senhor não colocou o acento de águia, Alfaiataria Águia de Ouro.

O alfaiate olha o visitante com estranheza e explica:

— Não, senhor, Águia [agúia] de Ouro.

([www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca\\_professor/arquivos/49Textos%20de%20humor.pdf](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/49Textos%20de%20humor.pdf))



a) O texto constrói seu efeito de humor com base em elementos relacionados à variação linguística. Quais dialetos são colocados em oposição nessa construção?

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 83)

No exercício seguinte, tem-se um texto de Olavo Bilac do século XIX com o uso de recursos linguísticos daquele período. Na questão “a” do referido exercício, o enunciado pede para que o aluno caracterize a variedade linguística e o grau de formalismo utilizado pelo autor. Na questão “b”, o enunciado instrui o aluno a reescrever o texto de Olavo Bilac na linguagem atual sem perder a essência do conteúdo. Logo, em ambas as questões, identificamos a presença da variação diacrônica, visto que a linguagem utilizada é do século XIX em contrapartida com a linguagem atual.

Excelentíssima Senhora. Creio que esta carta não poderá absolutamente surpreendê-la. Deve ser esperada. Porque V. Excia. compreendeu com certeza que, depois de tanta súplica desprezada sem piedade, eu não podia continuar a sofrer o seu desprezo. Dizem que V. Excia. me ama. *Dizem*, porque da boca de V. Excia. nunca me foi dado ouvir essa declaração. Como, porém, se compreende que, amando-me V. Excia., nunca tivesse para mim a menor palavra afetuosa, o mais insignificante carinho, o mais simples olhar comovido? Inúmeras vezes lhe pedi humildemente uma palavra de consolo. Nunca a obtive, porque V. Excia. ou ficava calada ou me respondia com uma ironia cruel. Não posso compreendê-la: perdi toda a esperança de ser amado. Separemo-nos. [...]

- Caracterize a variedade linguística e o grau de formalismo empregados pelo autor do texto.
- Olavo Bilac viveu no final do século XIX e início do século XX. O texto é um bom exemplo de como as declarações amorosas eram feitas na época, nesse tipo de variedade linguística. Colocando-se no lugar do poeta, reescreva o texto, mantendo o conteúdo mas empregando uma variedade linguística que seria comum entre dois jovens nos dias de hoje. Ao concluir o texto, leia-o para a classe.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 83)

Ao analisarmos o ponto do livro que trata das variedades linguísticas na construção do texto, identificamos características de variação diacrônica, uma vez que se trata de um anúncio com a utilização da língua em diferentes períodos da história como podemos ver no fragmento a seguir.

**AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO**

Leia o anúncio:

(<http://lapublicidade.com/divulgacao-do-maximidia-%E2%80%9Ceverything-ages-fast%E2%80%9D>)

- O anúncio divulga um evento que aconteceu no ano de 2010. Entretanto, há no texto elementos que misturam a época atual com outra época, mais antiga.
  - Quais são os elementos não verbais que nos remetem a essa época mais antiga?
  - Quais são os elementos do texto verbal que nos remetem a essa época antiga?

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 84)

## 4.2.2 A Abordagem dos Aspectos Linguísticos

Tendo como base o referencial teórico deste trabalho que apresenta os aspectos linguísticos, analisaremos neste tópico quais destes aspectos são privilegiados no capítulo 7 do livro em análise. Podemos começar destacando uma tirinha do livro abordada na página 80 em que demonstra um grupo social e o grau de informalidade entre as personagens.



(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 80)

Na tirinha acima, notamos que o grau de formalismo é muito pequeno, temos, assim, a variação estilístico-pragmática, que segundo Bagno (2007), consiste na utilização de expressões com maior ou menor grau de formalidade do local e do contexto em que estão envolvidos os interlocutores e também podem ser pronunciadas pelo mesmo indivíduo. Encontramos mais exemplo de variação estilístico-pragmática em um exercício no final da página 82 e início da 83 em um texto em que há dois personagens um com menor grau de formalidade e outro com maior grau de formalidade.

Quanto ao nome da Alfaiataria Águia de Ouro cresci ouvindo meu pai contar que alguém de passagem por

uma cidade do interior (nada contra as cidades do interior) e precisando de um alfaiate pediu informações e

lhe foi recomendado um logo ali, muito bom. Ao ver a placa da alfaiataria disse ao proprietário lamentar muito, que embora lhe tivessem dito se tratar de um alfaiate de mão cheia, não confiava em alguém que escrevia errado o nome do próprio negócio.

— O acento, o senhor não colocou o acento de águia, Alfaiataria Águia de Ouro.

O alfaiate olha o visitante com estranheza e explica:

— Não, senhor, Águia [agúia] de Ouro.

([www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca\\_professor/arquivos/49Textos%20de%20humor.pdf](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/49Textos%20de%20humor.pdf))

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 82 - 83)

Logo em seguida, um outro texto totalmente diferente do anterior, possuindo uma linguagem mais formal e antiga é lançado para os alunos, como se pode notar abaixo.

Excelentíssima Senhora. Creio que esta carta não poderá absolutamente surpreendê-la. Deve ser esperada. Porque V. Excia. compreendeu com certeza que, depois de tanta súplica desprezada sem piedade, eu não podia continuar a sofrer o seu desprezo. Dizem que V. Excia. me ama. *Dizem*, porque da boca de V. Excia. nunca me foi dado ouvir essa declaração. Como, porém, se compreende que, amando-me V. Excia., nunca tivesse para mim a menor palavra afetuosa, o mais insignificante carinho, o mais simples olhar comovido? Inúmeras vezes lhe pedi humildemente uma palavra de consolo. Nunca

a obtive, porque V. Excia. ou ficava calada ou me respondia com uma ironia cruel. Não posso compreendê-la: perdi toda a esperança de ser amado. Separremo-nos. [...]



(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 83)

Detectamos aqui, mais uma vez a presença da variação estilística-pragmática, pois o texto possui um grau maior de formalidade. Seguindo a análise, na página 85 outra variação estilística-pragmática é abordada no exercício, os alunos devem transcrever as frases para a norma padrão.

1. O programa "Fala, maluco", de uma rádio paulistana, promoveu um concurso de gírias para premiar autores de frases curiosas produzidas no linguajar dos jovens e das ruas. Leia, a seguir, as frases premiadas e reescreva-as de acordo com a norma-padrão.
  - a) "Maior corre no meu trampo hoje, mas firmão. Vou colar na minha goma, bater uma xepa e mandar um salve pra galera da minha área."
  - b) "Aê, tô zarpando fora que fiquei de cruzar com uns camaradas pra colar num pico classe A."
  - c) "Aê, Tuquinha, se liga, lagarto, que eu vou marcar uma mão pra você devolver minha lupa."
  - d) "Dani, para de ser mamadeira e arruma um trampo logo."
  - e) "Digo, se liga, você é mó talarico. Tentou furá os zoio do maluco da minha área. Se liga, meu!"

Fonte: Revista Língua Portuguesa, nº 15.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 85)

Diante destas frases, mais uma vez, notamos o grau de formalismo utilizado. Seguindo na análise de buscar evidenciar os aspectos linguísticos no capítulo 7, ao observamos a página 81, um outro aspecto encontrado é a variação lexical, que vem abordada em um pequeno quadro. Há várias palavras em língua timorense e em seguida seus significados, para assim os alunos obterem uma melhor compreensão do texto, ele possui um vocábulo do tétum, língua nativa timorense.

## Poema

Pisaste um dia a terra descalça  
do “bua” e do “malus”,  
paraste um dia à sombra da casa alta  
estranhando o “tuaka”  
e reparaste no seu dono  
cobrindo com a nudez do seu “hakfolik”  
a campa dos antepassados.

Miraste o seu suor tórrido  
lavando as faces do seu rosto sujo;  
ouviste ainda o seu “hamulak”  
entoando em “tais” do seu “lulik”  
e respeitaste o “manuaten”  
[...]



Annie Katz/Photographer's Choice/Getty Images

(Revista do Centro de Estudos Portugueses. São Paulo: Universidade de São Paulo, nº 1, p. 43-44, 1998. Glossário de Nery Nice Biancalana Reiner.)

**hamulak: prece, oração.**

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 81)

Desta forma, neste fragmento, dispomos as palavras prece e oração, que possuem as mesmas referências, porém, as palavras são diferentes, evidenciando assim, um caso de variação lexical conforme nos aponta Bagno (2007), a variação lexical consiste na utilização de palavras diferentes para se referir ao mesmo termo.

Ainda no que concerne a variação lexical, outra abordagem foi identificada na página 85, em um caminho que transforma uma dada expressão idiomática em seu equivalente fotográfico.



Fonte: Revista Língua Portuguesa, nº 15.



(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 85)

Temos neste fragmento, as palavras liberar-se e desinibir-se, que mais uma vez são palavras diferentes, mas que se referem ao mesmo termo.

### 4.2.3 O Respeito às Diferenças Linguísticas

No que concerne ao respeito às diferenças linguísticas, destacamos os poucos momentos em que se pretende apresentar para o aluno a questão do preconceito linguístico. Vejamos os fragmentos das páginas 79 e 83.

b) Discuta com os colegas e com o professor as seguintes questões:

- A língua portuguesa é uma só? Se não, de que dependem suas variações?
- O uso da língua pode gerar preconceito? Por quê?

c) Qual personagem do texto revela ter uma visão permeada pelo preconceito linguístico? Justifique sua resposta.

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 79 - 83).

Trata-se de uma atividade que envolve um momento de discussão acerca do tema, que, de acordo com Bunzen; Mendonça (2006), um trabalho consistente com a oralidade em sala de aula não diz respeito a ensinar o aluno a falar, nem simplesmente propor apenas que o aluno “converse com o colega” a respeito de um assunto qualquer. Trata-se de identificar, refletir e utilizar a imensa riqueza e variedade de usos da língua na modalidade oral, isso gera uma boa oportunidade de evidenciar, por exemplo, a variação dialetal mostrando suas diferenças que podem gerar estigmas e preconceitos.

De acordo com o Programa Nacional do Livro Didático (2014), que é um guia que apresenta várias resenhas com a finalidade de avaliar os pontos fortes e fracos de diversas obras didáticas para que auxilie o professor na escolha do livro didático, que utilizará em sala de aula, acerca da análise do livro que é foco deste trabalho, ele afirma que oferece pouca oportunidade de reflexão no tocante aos conhecimentos linguísticos. Assim, cabe um olhar mais atento para essa competência.

Outro ponto a ser analisado é o box localizado na página 80, que menciona sobre “sentir-se inferiorizado” por quem usa a norma dita como “certa”, ou seja, a norma-padrão. Esse sentimento é caracterizado pelos autores como um sentimento normal, devido a esses falantes serem escolarizados e de maior poder aquisitivo. Em seguida, é mencionado sobre o papel da escola, no qual, deve não somente ensinar a norma-padrão, como considerar aquilo que o aluno já sabe.

Decerto, este ponto é uma grande oportunidade para abordar exemplos do dia a dia do aluno, evidenciar fatores linguísticos que proporcionam esse fenômeno de acordo com seu contexto, em especial, que o professor saiba relacionar e aproveitar o conhecimento de mundo dos alunos. Segue abaixo, o box em análise.

## A norma-padrão e a escola

Alguma vez você já se sentiu inferiorizado pelo modo como fala? Se sim, saiba que esse sentimento é normal. Isso geralmente ocorre quando nosso interlocutor é uma pessoa mais instruída do que nós e, por isso, tem maior domínio da norma-padrão.

A escola, ao assumir o compromisso de ensinar a norma-padrão, não tem em vista eliminar a língua que o aluno traz de casa, mas prepará-lo para se comunicar com segurança e competência, independentemente de sua origem social.

(CEREJA; MAGALHÃES, p. 80)

Vale destacar também, no fragmento a seguir, a presença das diferenças linguísticas, no sentido de apresentá-las para os alunos, fazendo uma relação das pessoas que são prestigiadas socialmente ao utilizarem a norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio com as pessoas que utilizam a variedade rural, que não são alfabetizadas ou de escolaridade baixa.

A norma-padrão não existe como uma língua de fato, pois ninguém fala português de acordo com ela em todos os momentos da vida. Trata-se de um modelo, uma referência que orienta os usuários da língua sempre que precisam usar o português de modo mais formal.

O uso da norma-padrão está diretamente relacionado à prática social em que os sujeitos estão envolvidos e, conseqüentemente, ao gênero de texto que se quer produzir. Por exemplo, se alguém está conversando ao telefone com um amigo, é natural que empregue um português coloquial, repleto de abreviações como "tá", "tô", "cê", "nê?", ou a expressão *a gente*, em lugar do pronome reto *nós*. Contudo, ao fazer uma entrevista para conseguir um emprego, ao apresentar um trabalho escolar, participar de um debate, escrever uma carta para uma autoridade pública, etc., deve empregar uma variedade linguística de acordo com a norma-padrão. Dada a importância da norma-padrão, a escola se propõe ensiná-la a todas as crianças e jovens do país, preparando-os para ingressar na vida profissional e social.

As variedades do português que mais se aproximam da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta.

Outras variedades, faladas no meio rural ou por pessoas não alfabetizadas ou de baixa escolaridade, geralmente são menos prestigiadas e, por isso, frequentemente aqueles que as falam são vítimas de preconceito. Por isso, é importante conhecer a norma-padrão e saber em que momentos seu uso permitirá que nossos textos ganhem mais credibilidade.

## A norma-padrão e a escola

Alguma vez você já se sentiu inferiorizado pelo modo como fala? Se sim, saiba que esse sentimento é normal. Isso geralmente ocorre quando nosso interlocutor é uma pessoa mais instruída do que nós e, por isso, tem maior domínio da norma-padrão.

A escola, ao assumir o compromisso de ensinar a norma-padrão, não tem em vista eliminar a língua que o aluno traz de casa, mas prepará-lo para se comunicar com segurança e competência, independentemente de sua origem social.

Variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada.

Norma-padrão é uma referência, uma espécie de modelo ou lei que normatiza o uso da língua, falada ou escrita.

Variedades urbanas de prestígio, também conhecidas como *norma culta*, são as variedades que mais se aproximam da norma-padrão e são empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados.

(CEREJA; MAGALHÃES, p. 80)

Ao lermos esse fragmento do tópico “Conceituando”, na página 80, podemos perceber que Cereja e Magalhães abordam de forma simples e clara a existência da variedade linguística, a relação social e sua importância. O que nos chama atenção é a abordagem do uso e aprendizado da norma-padrão, na qual é apresentada a diferença entre a linguagem de pessoas escolarizadas, renda mais alta, não alfabetizada e o meio rural, porém é dado uma maior ênfase no uso da norma-padrão dentro de contextos específicos de fala que conforme Antunes (2007), ao reforçar a ideia de que a norma padrão é melhor, deixa de explorar aspectos da identidade cultural, regional de cada comunidade, perdendo sua essência cultural.

Embora seja mencionada a importância do combate ao preconceito linguístico e as demais variedades de modo breve e simples, seria viável trazer para o contexto escolar, através do livro didático, o reforço da ideia de combate ao preconceito linguístico, de modo que os alunos possam discutir e refletir diante do tema de forma mais consistente. Assim, pretende-se com isso fazer com que o aluno desenvolva a capacidade de compreender as diferenças linguísticas com o máximo respeito.

De acordo com Bagno (2007), não existe uma forma “certa” ou “errada” dos usos da língua e que o preconceito linguístico, gerado pela ideia de que existe uma única língua correta (baseada na gramática normativa), colabora com a prática da exclusão social. Este mito é visível em muitos livros didáticos que acabam por priorizar a valorização da forma dita como “certa” e traz como consequência o preconceito, que acaba justificando-se também por fatores como, a falta de escolaridade, diferença de classe social e diferenças regionais.

Diante de uma problemática como esta, é preciso entender e evidenciar no contexto escolar e principalmente no livro didático, instrumento metodológico de fundamental importância para o professor, que existem situações sociais diferentes. A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal, ou seja, existem variações linguísticas, não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas. Existem porque as línguas são fatos sociais, situadas num tempo e num espaço concreto, com funções definidas.

Antunes (2007), visto deste modo, infere que este fenômeno é decorrência da naturalidade da manifestação da linguagem e interação de grupos sociais e devem ser ensinadas e compreendidas com respeito. Assim, o convívio com essas diferenças poderia ser uma oportunidade para se abrir o debate em torno da variedade de falares que coexistem no país, sem emprestar qualquer resquício de mais valores a um ou a outra.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado neste trabalho, acerca das variações linguísticas serem o “estado natural” da língua e objeto de estudo da Sociolinguística, bem como também, trabalhadas em sala de aula por meio do livro didático, o presente trabalho buscou analisar o livro didático Português Linguagens para o Ensino Médio de Willian Roberto Cereja e Thereza Anália Cochar Magalhães (2013) e como ele didatiza o assunto das variações linguísticas e, para tanto, esta pesquisa nos permitiu constatar a identificação dos tipos de variações que estão presentes no capítulo 7, a observação dos aspectos linguísticos privilegiados, e por fim, a verificação sobre a maneira com que o livro didático apresenta o respeito às diferenças linguísticas.

Diante das análises, constatamos que o capítulo 7 apresentou variações linguísticas como a diatópica, diastrática, diafásica e diacrônica que foram identificadas como dialetos, registros e as gírias como socioletos. Há uma menção acerca da variação histórica, que se encaixou nos conceitos de variação diacrônica.

Nos exercícios que destacamos para a análise, identificamos a variação diacrônica e a diastrática. Vale ressaltar que todas as variações linguísticas foram identificadas com base no referencial teórico deste trabalho através de inferências, uma vez que o capítulo 7 não explicita, de forma clara, conceito, terminologia ou denominação para as variações. E acerca dos aspectos linguísticos, foi possível perceber a presença da variação estilístico-pragmática e a variação lexical.

Com relação ao respeito sobre as diferenças linguísticas em que destacamos o problema do preconceito linguístico, o capítulo proporciona poucos momentos de reflexão. Desse modo, é preciso que haja mais debates reflexivos sobre o assunto para que os alunos entendam as várias manifestações da linguagem no meio social.

Ademais, no decorrer da análise, verificamos que os autores procuraram propor uma maior credibilidade para a variedade urbana de prestígio e a norma-padrão, assim, deixando de explorar outros aspectos da linguagem de modo mais amplo.

Por outro lado, o capítulo analisado abarcou alguns pontos significativos de grande importância, como saber aproveitar o que o aluno já sabe para relacionar com o conteúdo ministrado em sala de aula, e a apresentação de modo claro e objetivo da diferença entre norma-padrão e norma culta, sendo que, esta confusão é um dos maiores equívocos encontrados nos livros didáticos relacionados ao ensino da variação linguística.

Portanto, de maneira geral, a abordagem das variações linguísticas no livro didático em estudo, não ofereceu grandes oportunidades de reflexão, tendo em vista, a superficialidade dada as variações linguísticas, principalmente nos exercícios propostos em que se poderia explorar com mais afinco as questões sociais que envolvem a língua em seu uso real e os conhecimentos linguísticos para os alunos.

Muitas pesquisas em torno das variações linguísticas relacionadas ao livro didático já foram realizadas e muito têm a contribuir para o arcabouço de estudos da Sociolinguística e na formação do professor para um efetivo processo de ensino-aprendizagem dos discentes. Acreditamos que não se deve esgotar o assunto, mas sim, buscar através de novas pesquisas, mecanismos para a valorização das diferenças linguísticas nos livros didáticos.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do trabalho científico**. 8ª edição. São Paulo: Atlas, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 49ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso. Por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (SEB). **Guia dos livros didáticos- PNLD 2015: língua portuguesa: ensino médio**. Brasília: MEC/SEB, 2014.

BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. **Português no Ensino Médio e formação do professor. (Estratégias de Ensino)**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CALVET, Louis- Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Anália Cochar. **Português Linguagens**. 9ª edição. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6ª edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O Português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala**. São Paulo: Edusp, 2003.

ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura escrita**. (*Coleção As Faces da Linguística Aplicada*). Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª edição. São Paulo: Cortez, 2007.

## 7. ANEXOS

### ANEXO A



**LÍNGUA: USO E REFLEXÃO**

Delirio Martins/Pulsar Imagens

**CAPÍTULO 7**

# As variedades linguísticas

**CONSTRUINDO O CONCEITO**

Leia este texto, de Patativa do Assaré:

**Aos poetas clássicos**

Poetas niversitário,  
Poetas de Cademia,  
De rico vocabularo  
Cheio de mitologia;  
Se a gente canta o que pensa,  
Eu quero pedir licença,  
Pois mesmo sem português  
Neste livrinho apresento  
O prazê e o sofrimento  
De um poeta camponês.

Eu nasci aqui no mato,  
Vivi sempre a trabaiá,  
Neste meu pobre recato,  
Eu não pude estudá  
No verdô de minha idade,  
Só tive a felicidade  
De dá um pequeno insaio

In dois livro do iscritô,  
O famoso professô  
Filisberto de Carvaio.

No premêro livro havia  
Belas figuras na capa,  
E no começo se lia:  
A pá — O dedo do Papa,  
Papa, pia, dedo, dado,  
Pua, o pote de melado,  
Dá-me o dado, a fera é má  
E tantas coisa bonita,  
Qui o meu coração parpita  
Quando eu pego a recordá.

[...]

(www.releituras.com/patativa\_poetclassicos.asp)

**Quem foi Patativa do Assaré?**

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré (1909-2002), nasceu em Assaré e se tornou um conhecido poeta popular na região do Cariri, interior do Ceará.

Apesar da pouca escolaridade e da cegueira resultante de uma doença, Patativa guardou, até o final da vida, todos os seus poemas na memória.

Publicou vários livros, porém as gravações em disco e vídeo é que dão uma noção mais completa da expressividade do poeta, que inclui, além das palavras, entonações, pausas, gestos, etc.

78

wondershare



## ANEXO C

A norma-padrão não existe como uma língua de fato, pois ninguém fala português de acordo com ela em todos os momentos da vida. Trata-se de um modelo, uma referência que orienta os usuários da língua sempre que precisam usar o português de modo mais formal.

O uso da norma-padrão está diretamente relacionado à prática social em que os sujeitos estão envolvidos e, conseqüentemente, ao gênero de texto que se quer produzir. Por exemplo, se alguém está conversando ao telefone com um amigo, é natural que empregue um português coloquial, repleto de abreviações como "tã", "tô", "cê", "né?", ou a expressão *a gente*, em lugar do pronome reto *nós*. Contudo, ao fazer uma entrevista para conseguir um emprego, ao apresentar um trabalho escolar, participar de um debate, escrever uma carta para uma autoridade pública, etc., deve empregar uma variedade linguística de acordo com a norma-padrão. Dada a importância da norma-padrão, a escola se propõe ensiná-la a todas as crianças e jovens do país, preparando-os para ingressar na vida profissional e social.

As variedades do português que mais se aproximam da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta.

Outras variedades, faladas no meio rural ou por pessoas não alfabetizadas ou de baixa escolaridade, geralmente são menos prestigiadas e, por isso, frequentemente aqueles que as falam são vítimas de preconceito. Por isso, é importante conhecer a norma-padrão e saber em que momentos seu uso permitirá que nossos textos ganhem mais credibilidade.

### A norma-padrão e a escola

Alguma vez você já se sentiu inferiorizado pelo modo como fala? Se sim, saiba que esse sentimento é normal. Isso geralmente ocorre quando nosso interlocutor é uma pessoa mais instruída do que nós e, por isso, tem maior domínio da norma-padrão.

A escola, ao assumir o compromisso de ensinar a norma-padrão, não tem em vista eliminar a língua que o aluno traz de casa, mas prepará-lo para se comunicar com segurança e competência, independentemente de sua origem social.

Variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta, de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada.

Norma-padrão é uma referência, uma espécie de modelo ou lei que normatiza o uso da língua, falada ou escrita.

Variedades urbanas de prestígio, também conhecidas como *norma culta*, são as variedades que mais se aproximam da norma-padrão e são empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados.

### A língua como expressão de uma identidade grupal

Você já percebeu como as pessoas de um grupo tendem a falar de modo semelhante? Quando há identificação entre as pessoas de um grupo, todas tendem a usar uma linguagem com vocabulário, expressões e gírias próprias. Claro que outros fatores, como as roupas, o corte do cabelo, o gosto musical, etc., também interferem, mas a língua é um dos critérios de aceitação ou rejeição de uma pessoa em uma "tribo".



(Angeli. Luke & Tantra - *Saque bom*. São Paulo: Devir/Jacarandá, 2000. p. 37.)

wondershare

## ANEXO D

O uso de palavras e expressões como "estamos ligados", "é isso", "cara", "mó feliz", "10 paus", ao mesmo tempo que torna o diálogo mais informal, aproxima os interlocutores e os faz sentir-se parte integrante de um mesmo grupo social.

### DIALETOS E REGISTROS

Há dois tipos básicos de variação linguística: os dialetos e os registros.

Os **dialetos** são variedades originadas das diferenças de região ou território, de idade, de sexo, de classes ou grupos sociais e da própria evolução histórica da língua. Nos poemas medievais, que você começou a estudar a partir da página 63, temos exemplos de variação histórica. Já no texto que segue, escrito pelo poeta Xanana Gusmão, do Timor Leste (Oceania), temos um exemplo de variação territorial, já que o poema, apesar de ter sido escrito em língua portuguesa, apresenta também vocábulos do tétum, língua nativa timorense.

#### Poema

Pisaste um dia a terra descalça  
do "bua" e do "malus",  
paraste um dia à sombra da casa alta  
estranhando o "tuaka"  
e reparaste no seu dono  
cobrindo com a nudez do seu "hakfolik"  
a campa dos antepassados.

Miraste o seu suor tórrido  
lavando as faces do seu rosto sujo;  
ouviste ainda o seu "hamulak"  
entoando em "tais" do seu "lulik"  
e respeitaste o "manuaten"  
[...]



Annie Katz/Photographer's Choice/Getty Images

(Revista do Centro de Estudos Portugueses. São Paulo: Universidade de São Paulo, nº 1, p. 43-44, 1998. Glossário de Nery Nice Biancalana Reiner.)

**bua:** grão de areca (para mascar).

**hakfolik:** pano atado à cintura para tapar as partes pudendas.

**hamulak:** prece, oração.

**lulik:** sagrado.

**manuaten:** fígado de galo (o galo de combate é um ani-

mal de grande estimacão; é símbolo de coragem e de luta).

**malus:** folha de betel, uma planta trepadeira (para mascar).

**tais:** pano com que o timorense se veste, enrolando-o como se fosse uma saia.

**tuaka:** aguardente local.

Tratando da chegada do colonizador ao Timor Leste e do choque de culturas advindo da colonização, o poeta cria o poema com uma variação de língua portuguesa que só é possível e só faz sentido em seu país.

Os **registros** são variações que ocorrem de acordo com o grau de formalismo existente na situação. A mesma pessoa pode ser menos ou mais formal em sua linguagem, dependendo dos objetivos que tem, das situações de comunicação em que se encontra e das diferentes esferas da sociedade nas quais circula.

## ANEXO E

O nível de formalidade pode variar independentemente de os textos produzidos serem orais ou escritos. Assim, pode haver textos orais que sejam extremamente formais, como uma conferência proferida em um grande evento, e textos escritos pouco formais, como um bilhete deixado na porta da geladeira de casa para alguém da família. O quadro a seguir mostra que as relações entre formal e informal e entre oral e escrito apresentam uma gradação e que os diversos textos que produzimos em nossa vida social variam desde o mais informal e oral, como o bate-papo e a fofoca, até o mais formal e escrito, como o relatório científico e a tese.

INFORMAL ↓ FORMAL	ORAL —————> ESCRITO		
	Bate-papo, fofoca Caso, conversa fiada	Bilhete, carta pessoal Diário	Biografia
Entrevista médica Relato de vivências Reclamação		Entrevista jornalística Notícias Carta de reivindicação	
Debate Palestra Conferência	Carta de leitor	Editorial, ensaio Relatório científico, artigo científico, tese	

(Angela Kleiman. *Preciso ensinar o letramento – Não basta ensinar a ler e escrever?*. Campinas, SP: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005-2010. p. 46.)

## GÍRIA

A gíria é uma das variedades que uma língua pode apresentar. Quase sempre é criada por um grupo social, como o dos fãs de *rap*, de *funk*, de *heavy metal*, os surfistas, os skatistas, os grafiteiros, os *bikers*, os policiais, etc. Quando restrita a uma profissão, a gíria é chamada de **jargão**. É o caso do jargão dos jornalistas, dos médicos, dos dentistas e de outras profissões.

Veja as gírias de dois desses grupos:

### Dos surfistas

**aê**: forma de saudação

**back side**: manobra em que o surfista fica de costas para a onda

**beate**: meninas de praia; estão sempre com surfista por interesse

**casca-grossa**: surfista experiente, que não teme ondas grandes

**fiat**: mar sem ondas; prancha lisa

### Dos grafiteiros

**bomber**: grafiteiro que ataca ilegalmente

**king**: bom grafiteiro, admirado por seu trabalho

**old school**: grafiteiros antigos

**tag**: assinatura de grafiteiro

**top to bottom**: um trem é pintado por inteiro de cima para baixo

Fonte: Kárin Fusaro. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001.

## EXERCÍCIOS

1. Leia o texto:

Quanto ao nome da Alfaiataria  
Águia de Ouro cresci ouvindo meu pai  
contar que alguém de passagem por

uma cidade do interior (nada contra  
as cidades do interior) e precisando  
de um alfaiate pediu informações e

## ANEXO F

lhe foi recomendado um logo ali, muito bom. Ao ver a placa da alfaiataria disse ao proprietário lamentar muito, que embora lhe tivessem dito se tratar de um alfaiate de mão cheia, não confiava em alguém que escrevia errado o nome do próprio negócio.

— O acento, o senhor não colocou o acento de águia, Alfaiataria Águia de Ouro.

O alfaiate olha o visitante com estranheza e explica:

— Não, senhor, Aguia [agúia] de Ouro.

([www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca\\_professor/arquivos/49Textos%20de%20humor.pdf](http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/49Textos%20de%20humor.pdf))



- O texto constrói seu efeito de humor com base em elementos relacionados à variação linguística. Quais dialetos são colocados em oposição nessa construção?
- No final do texto, o alfaiate explica o mal-entendido e mostra que o cliente é que não havia compreendido o texto da placa. Levante hipóteses: A explicação do alfaiate resolve o questionamento do cliente?
- Qual personagem do texto revela ter uma visão permeada pelo preconceito linguístico? Justifique sua resposta.

2. Leia o trecho de uma carta de amor escrita por Olavo Bilac, poeta brasileiro que viveu entre o final do século XIX e o início do século XX.

Excelentíssima Senhora. Creio que esta carta não poderá absolutamente surpreendê-la. Deve ser esperada. Porque V. Excia. compreendeu com certeza que, depois de tanta súplica desprezada sem piedade, eu não podia continuar a sofrer o seu desprezo. Dizem que V. Excia. me ama. *Dizem*, porque da boca de V. Excia. nunca me foi dado ouvir essa declaração. Como, porém, se compreende que, amando-me V. Excia., nunca tivesse para mim a menor palavra afetuosa, o mais insignificante carinho, o mais simples olhar comovido? Inúmeras vezes lhe pedi humildemente uma palavra de consolo. Nunca a obtive, porque V. Excia. ou ficava calada ou me respondia com uma ironia cruel. Não posso compreendê-la: perdi toda a esperança de ser amado. Separemos-nos. [...]



- Caracterize a variedade linguística e o grau de formalismo empregados pelo autor do texto.
- Olavo Bilac viveu no final do século XIX e início do século XX. O texto é um bom exemplo de como as declarações amorosas eram feitas na época, nesse tipo de variedade linguística. Colocando-se no lugar do poeta, reescreva o texto, mantendo o conteúdo mas empregando uma variedade linguística que seria comum entre dois jovens nos dias de hoje. Ao concluir o texto, leia-o para a classe.

## ANEXO G

### AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Leia o anúncio:

**Twitter**  
*A sublime e notável rede social de 140 caracteres!*

UM 3RD com grande sentimento de pensar. Esse é o Twitter, um célebre mecanismo de manutenção de contactos virtuais. Segundo a sendo seguida, vossa mercê gozará da possibilidade de intercâmbio uma formidável quantidade de informações, filmes, fotografias, etc. O Twitter é de facto, uma ferramenta multi-útil.

NO MUNDO DE HOJE TUDO ENVELHECE MUITO RÁPIDO

VENHA CONHECER AS NOVAS TENDÊNCIAS MUNDIAIS DE MARKETING E COMUNICAÇÃO

MAXI MÍDIA

DE 5 A 11 DE OUTUBRO 2010

(<http://lapublicidade.com/divulgacao-do-maximidia-%E2%80%9Ceverything-ages-fast%E2%80%9D>)

1. O anúncio divulga um evento que aconteceu no ano de 2010. Entretanto, há no texto elementos que misturam a época atual com outra época, mais antiga.
  - a) Quais são os elementos não verbais que nos remetem a essa época mais antiga?
  - b) Quais são os elementos do texto verbal que nos remetem a essa época antiga?
2. Em relação aos termos listados por você no item *b* da questão anterior, responda:
  - a) Alguns ainda são utilizados hoje em dia? Quais?
  - b) Em que situações e por quem eles são utilizados?
3. Apesar de o texto da parte esquerda do anúncio ter a caracterização de uma época antiga, sobre que produto ele fala? Trata-se de um produto antigo?
4. No texto à direita do anúncio, lê-se o enunciado: "No mundo de hoje tudo envelhece muito rápido".
  - a) Quem é o anunciante?
  - b) A que público o anúncio é dirigido?
  - c) Com base nesse enunciado e no estudo feito nas questões anteriores, justifique a opção do anúncio por caracterizar o produto anunciado como algo antigo.

## ANEXO H

### SEMÂNTICA E DISCURSO

1. O programa "Fala, maluco", de uma rádio paulistana, promoveu um concurso de gírias para premiar autores de frases curiosas produzidas no linguajar dos jovens e das ruas. Leia, a seguir, as frases premiadas e reescreva-as de acordo com a norma-padrão.
- a) "Maior corre no meu trampo hoje, mas firmão. Vou colar na minha goma, bater uma xepa e mandar um salve pra galera da minha área."
  - b) "Aê, tô zarpando fora que fiquei de cruzar com uns camaradas pra colar num pico classe A."
  - c) "Aê, Tuquinha, se liga, lagarto, que eu vou marcar uma mão pra você devolver minha lupa."
  - d) "Dani, para de ser mamadeira e arruma um trampo logo."
  - e) "Digo, se liga, você é mô talarico. Tentou furã os zoio do maluco da minha área. Se liga, meu!"

Fonte: Revista Língua Portuguesa, nº 15.

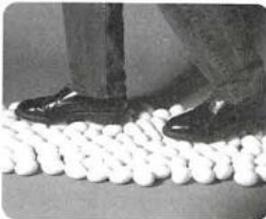
2. Além de palavras, toda língua possui também as **expressões idiomáticas**, ou seja, locuções ou conjuntos de palavras que são geralmente intraduzíveis para outras línguas. Partindo dessas expressões, os fotógrafos Marcelo Zocchios e Everton Ballarém tiveram a ideia de publicar o *Pequeno dicionário ilustrado de expressões idiomáticas*, um livro que reúne 50 fotos inspiradas no sentido literal de expressões idiomáticas do português.

Veja como foi o percurso feito pelos fotógrafos para chegar a fotos bem diferentes:



Observe as fotos a seguir e escreva a expressão idiomática equivalente a cada uma delas. Depois dê o sentido analógico das expressões.

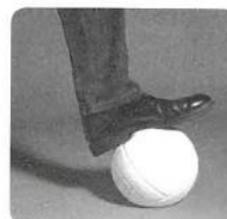
a)



b)



c)



Fotos: Marcelo Zocchios e  
Everton Ballarém

LÍNGUA:  
USO E REFLEXÃO

85  
wondershare